

Namoro virtual e as experiências românticas online: um estudo da comunidade virtual do Orkut “*conheci meu amor pela internet*”

VERGAS VITÓRIA ANDRADE DA SILVA (DOUTORANDA)

NORMA MISSAE TAKEUTI (ORIENTADORA)

Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais – UFRN

Resumo

O trabalho discute as imbricações existentes na relação tecnologia virtuais e amor romântico. Busca compreender a natureza das experiências românticas vivenciadas na internet, sobretudo, nos fóruns e enquetes da comunidade virtual do Orkut *Conheci meu amor pela Internet*. O estudo pretende responder a seguinte questão: de que modo esses internautas constroem, representam e vivem o amor romântico em suas experiências virtuais? Pretende-se demonstrar que ao postarem *escritos* nesses fóruns e enquetes que revelam enredos sentimentais e amorosos, os internautas expõem ainda, através de *narrações de si*, modos de *experienciar* o amor romântico. Isto é, nesses espaços – *virtuais e desterritorializado* – é possível a presença de *relatos pessoais* mediante a expressão de opiniões, gostos, vivências, sentimentos, etc. que desvelam sentidos, valores, significados e expressões da experiência romântica online.

Palavras-chave: Amor Romântico; Namoro Virtual; Orkut

Introdução

Provavelmente, em nenhum outro contexto histórico, tenham existido tantas transformações num curto espaço de tempo como na atualidade. Nesses termos, muitos estudos, a exemplo daqueles desenvolvidos por Pierre Lévy (1993, 1996, 1999) e Manuel Castells (1999, 2004), reforçam que essas mudanças foram propiciadas, em grande parte, pelo ingresso cada vez mais decisivo das *tecnologias da informação* que, guardadas as devidas proporções, *condicionam* e *alteram* a vida cotidiana das pessoas.

Decerto julga-se verdadeira a tese que versa sobre a propensão das *tecnologias* em *modelar* comportamentos sociais, no entanto, ela poderia suscitar objeções daqueles preocupados em denegar a *passividade* dos homens no processo de elaboração das técnicas. Indubitavelmente, alguns sustentariam: é discutível partir do pressuposto de que as *tecnologias condicionam* os indivíduos, *modificam* suas vidas, pois, se são esses mesmos indivíduos que participam ativamente dos processos de construção, consolidação e significação dos produtos por eles criados?

MNEME – REVISTA DE HUMANIDADES, 11 (27), 2010

Publicação do Departamento de História da Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Centro de Ensino Superior do Seridó – Campus de Caicó. Semestral ISSN -1518-3394

Disponível em <http://www.periodicos.ufrn.br/ojs/index.php/mneme>

Por essas razões, a fim de evitar desacertos nos preâmbulos, admite-se, doravante, que do ponto de vista deste trabalho compreende-se *as tecnologias da informação* dentro de uma perspectiva teórica que as inscreve numa produção social-histórica, na qual são os indivíduos que as (re)elaboram, as (re)significam e as (re)interpretam segundo interesses sociais e culturais. É uma evidência atestar que são eles os responsáveis pela feitura do mundo social.

Todavia, mesmo considerando essa perspectiva, consente-se, por outro lado, que seria um equívoco dar por certa uma proposição que delega às *tecnologias* isenção de encargo no que tange às mudanças por que experimentam os indivíduos hoje. Decerto seria incorreto admitir que o avanço das tecnologias não *condicione* práticas e condutas. Portanto, à vista disso, compreende-se que os homens, na medida em que produzem as técnicas, ao mesmo tempo, são *produzidos* ou *alterados* por elas. Por isso, é-se partidário da tese segundo a qual as *tecnologias da informação* pesam na formação de novos comportamentos e novas subjetividades.

Partindo desse panorama, é essencial destacar, no que se refere aos propósitos deste trabalho, que dentre tantas mudanças sociais em curso uma delas nos parece muito importante, a saber: aquela que, em decorrência do avanço das *tecnologias da informação*, incide na vida *amorosa* dos indivíduos e em seus modos de subjetivação – acarretando modificações nos relacionamentos, no casamento, na sexualidade, ou seja, na *intimidade*.

Atualmente, existe uma vasta bibliografia que nos auxilia a refletir sobre as *realidades* vivenciadas na sociedade contemporânea. Muitos desses estudos apresentam como ponto de partida a concepção segundo a qual estamos a atravessar um período de profundas e irreversíveis transformações sociais, reiterando o que já havia sido dito no começo. No entanto, o que essa concepção desvela também é que não são apenas transformações em extensão. Mas, ao contrário, chegam a interferir nos aspectos mais pessoais de nossa existência cotidiana. Elas não somente exercem influência na estrutura da sociedade como também na vida individual, haja vista que as circunstâncias sociais não são separadas da vida pessoal.

O filósofo da *informação* Pierre Lévy (1993, p. 7), em suas considerações sobre *as tecnologias da inteligência*, afirma que, atualmente, o mundo das telecomunicações e da informática está a engendrar “novas maneiras de pensar e de conviver”. O autor assegura-nos que na época atual a técnica “é uma das dimensões fundamentais onde está em jogo a transformação do mundo humano”. Considerando essa assertiva, é possível, a partir dela, inferir que tais mudanças podem intervir no *conteúdo* e na *natureza* da vida social cotidiana.

Tendo isso em vista, Lévy (1999, p. 10) reitera sua argumentação atestando que há hoje um peso cada vez mais decisivo das realidades *tecnoeconômicas* sobre os aspectos da vida social e pessoal dos indivíduos. Em consequência, tais realidades incidem e remodelam, de alguma forma, comportamentos sociais, haja vista que, nessa conjuntura, “instituições e máquinas *informacionais* se entrelaçam no íntimo dos sujeitos”. Depreende-se que a partir daí pode-se esperar alterações significativas nos modos de subjetivação dos indivíduos envolvidos em tais processos.

Um das questões mais urgentes discutidas por um conjunto de autores que tentam dar conta das realidades contemporâneas, inclusive o próprio Lévy, diz respeito à velocidade com que as transformações se processam. “A aceleração é

tão forte e tão generalizada que até os mais ‘ligados’ encontram-se, em graus diversos, ultrapassados pela mudança”. (LÉVY, 1999, p. 28). Na *Era da informação*, vivemos cada vez mais atravessados por um *sentimento de desapossamento*.

Outro autor que se debruçou sobre questões referentes à nossa Era ou à *sociedade informacional* foi o sociólogo espanhol Manuel Castells (1999). A tese desenvolvida por ele diz respeito ao *informacionalismo*. Ele é a nova base material-tecnológica da atividade econômica e de organização social contemporânea. Diante disso, é-se levado a concluir que a começar daí pode-se pressupor o surgimento de novas formas históricas de interação social.

Até esse ponto, nota-se que, tal qual entende Lévy (1993), Castells (1999, p. 44), igualmente, percebe que a tecnologia pode propiciar mudanças históricas, “embora não determine a evolução e a transformação social, a tecnologia (ou sua falta) incorpora a capacidade de transformação das sociedades”. Esses autores, portanto, estão convictos de quão decisivo é o papel das técnicas em que pese sua capacidade de condicionar e proporcionar alterações significativas em todos os âmbitos da vida cotidiana dos indivíduos. As mudanças passaram a ser sentidas, então, em nível social e pessoal, afetando até mesmo as relações íntimas.

Nessa conjuntura, o novo sistema de comunicação – o *informacionalismo* – vem propiciando o surgimento de “redes interativas de computadores” e “criando novas formas de canais de comunicação, moldando a vida e, ao mesmo tempo, sendo moldadas por ela”. Isto é, o “novo” sistema de comunicação “que fala cada vez mais uma linguagem universal digital” (CASTELLS, 1999, p. 44) vem propiciando o surgimento de novas formas de vínculos sociais. Quer dizer, há hoje formas de intercâmbio social mediadas pela tecnologia, na verdade, são relações que podem ser constituídas e, posteriormente, mantidas por intermédio da internet.

Em vista disso, o que interessa reter, de todas essas considerações, é que as intensas mutações verificadas no seio das sociedades contemporâneas entremetidas em processos inéditos, a datar das recentes e rápidas revoluções tecnológicas de informação, revertem-se em novas maneiras de se relacionar *amorosamente com o outro*. Por exemplo, as mudanças propiciaram novas regras e novos espaços para o contato com o outro. A internet, “meio de comunicação interativo universal via computador da era da informação” (CASTELLS, 1999, p. 433), tornou-se uma esfera em que novas formas de se relacionar estão sendo estabelecidas como exemplo: o *namoro virtual*.

Em suma, tendo como base as reflexões desenvolvidas até aqui, pode-se inferir, então, que a influência da *tecnologia da informação* vem entremeando cada vez mais as relações amorosas e, conseqüentemente, alterando-as. Quer dizer, elas, ao menos precedentemente, somente eram possíveis, na maioria das ocasiões, em âmbito presencial. Hoje, contudo, com o ingresso das máquinas informacionais, elas podem ser virtuais, ou melhor, podem ser construídas, consolidadas e mediadas por um computador ligado em rede.

As conseqüências de tais processos parecem incidir sobre condutas e práticas amorosas. Os novos contextos abriram caminhos que redefinem e redesenham a própria forma de relacionar-se, e, em conseqüência, novos modos de subjetivação podem surgir. Partindo desse ponto de vista, questiona-se: quais são as alterações verificadas nas relações amorosas atuais? Como essas

mudanças pesam na formação da subjetividade? Como pensar a formação da subjetividade a partir da emergência dos namoros virtuais?

Parece-nos que as reinvenções de vínculos afetivos, constatadas hoje, a exemplo das relações amorosas virtuais, podem ser consideradas como um arcabouço de renovações comportamentais e, conseqüentemente, alterações nos modos de subjetivação que teriam emergido das tantas transformações verificadas no mundo contemporâneo.

Por isso, diante dos pressupostos precedentes, o que este trabalho pretende abordar é a temática da produção da subjetividade nos namoros virtuais. Pormenorizadamente, trata-se de um estudo que visa compreender os modos de subjetivação presentes em depoimentos postados em fóruns e enquetes de uma comunidade virtual do Orkut chamada *conheci meu amor pela internet*. Insiste-se na tese segundo a qual os fóruns e enquetes funcionam como um espaço propício à *objetivação da subjetividade*. Quer dizer, eles servem como um suporte de produção subjetiva.

Tecnologia e sociabilidade amorosa

No prólogo ao livro *A condição humana*, Hannah Arendt discute os *efeitos* do avanço tecnológico *sobre* os indivíduos, *sobre* suas *condições humanas*. Ao sobressair com o exemplo dos satélites artificiais – “objetos terrestres, feitos pela mão do homem” – e que giram em torno da Terra “segundo as mesmas leis de gravitação que governam o movimento dos corpos celestes” (ARENDRT, 1993, p. 9), a autora denuncia, em verdade, o desejo do homem em fugir da Terra, considerada sua clausura.

Levando a cabo seu projeto de pensar as imbricações entre homem e progresso das técnicas, a autora lança mão de outro exemplo. Enuncia que o desenvolvimento tecnológico possibilitou ao homem produzir a vida numa proveta, maneira de tornar a vida *artificial*. Este, lembrava-nos Arendt, era o último laço que fazia do homem um filho da natureza. Doravante, esse laço não mais existe, foi extinto.

De sorte que, ao final de suas asserções, a autora é contundente em revelarnos o que parece está subjacente à pretensão do homem em libertar-se de sua prisão na Terra ou de prolongar a vida através da produção de seres humanos em provetas: é, na realidade, o desejo desse homem em fugir à condição humana (essa verificação parece-nos ter muitas implicações). Diante dessa argumentação, Arendt (1993) parece imputar *responsabilidades* às tecnologias – produções humanas – por *desmontar* aquilo que era exclusivo no homem: sua condição humana.

Todavia, à parte a tal constatação, é interessante, por outro lado, ver a autora discorrer a respeito da capacidade humana em não se demorar a adaptar-se aos *feitos da tecnologia*. Diz que já algum tempo esse tipo de *sentimento* vem-se tornando comum. Mas, se essa assertiva é verdadeira, ela só é porque os homens relacionam-se com as técnicas de maneira bastante peculiar. Se se adaptam rapidamente aos arranjos das técnicas é porque se relacionam com elas de forma simbólica, cultural.

Por essas razões, a tecnologia nada é fora das relações sociais que a constitui. Ou melhor, ela é um fenômeno instituído pelo concurso das ações humanas e, por isso, não pode ser estudada desarticulada de significados

culturais. Nesse mesmo sentido, isto é, corroborando essa assertiva, temos as discussões de Pierre Lévy (1999) a respeito da *cibercultura*. Ao questionar *se as tecnologias têm um impacto*, o autor atém-se ao propósito de defender as técnicas enquanto produtos de uma sociedade, de uma cultura.

Nesses termos, ele argumenta ser inadequada a metáfora bélica do *impacto*. Pois assim a tecnologia seria comparada a um projétil, a um míssil, e a sociedade seria um alvo vivo. As técnicas não viriam de outro mundo, defende o autor, não viriam de um mundo frio das máquinas “estranho a toda significação e valor humano”, ao contrário, as técnicas “são imaginadas, fabricadas e reinterpretadas durante seu uso pelos homens”. (LÉVY, 1999, p. 21).

O que a abordagem de Lévy (1999, p. 23) quer demonstrar é que a tecnologia não é um “ator autônomo”, apartado da sociedade e da cultura. Não se pode pensar na relação dicotômica entre a tecnologia – aquela que seria da ordem da causa – e a cultura – que sofreria os efeitos. Ao invés disso, o que se deve levar em conta nessa relação é o “grande número de atores humanos que inventam, produzem, utilizam e interpretam de diferentes formas as técnicas”.

Ainda assim, é útil destacar como o autor conduz a discussão a respeito da contenda: *as técnicas determinam a sociedade e a cultura?* Lévy (1999) desconfia de leituras que respondem a essa questão afirmativamente. Conforme entende, a tecnologia longe de ser determinante, está mais apta a condicionar. O que quer dizer é que a tecnologia é produzida dentro de uma sociedade ou cultura e por essa razão só pode criar condições para os indivíduos. A tecnologia, nesses termos, não pode ser analisada a partir da classificação valorativa *boa* ou *má* ou se seus *impactos* são positivos ou negativos. É importante pensar na irreversibilidade “às quais um de seus usos nos levaria”. (LÉVY, 1999, p. 26).

Com isso, o autor abre caminho para pensar que há uma relação particular entre tecnologia e *usos sociais*. Ou seja, os homens são capazes de transformar radicalmente o significado e o uso que fazem das técnicas. A internet parece-nos um bom exemplo da capacidade humana de reinventar e reinterpretar as tecnologias. A fim de desenvolver essa proposição, considerem-se as formulações de Manuel Castells (2004). De acordo com esse autor, a internet, a princípio, foi uma tecnologia aplicada ao mundo exclusivo dos cientistas da informática, dos *hackers* e das comunidades contraculturais, ou melhor, ela nasceu “na encruzilhada insólita entre ciência, a investigação militar e a cultura libertária”. (CASTELLS, 2004, p. 44). Seus primeiros usos por norte-americanos serviram a interesses estratégicos de guerra. Era necessário algum meio de comunicação que sobrevivesse a um ataque nuclear.

No entanto, Castells (2004, p. 19) assevera-nos que “as pessoas, as instituições, as empresas e a sociedade em geral transformam a tecnologia, qualquer tecnologia, apropriando-a, modificando-a – especialmente no caso da internet, por ser uma tecnologia de comunicação”. Insiste o autor, “ao utilizarmos a internet para múltiplas tarefas vamos transformando-a.”

O que se deve deter dessas discussões é que “a criação e desenvolvimento da internet” podem ser considerados “uma extraordinária aventura humana”, pois demonstra a singular “capacidade das pessoas para transcender as regras institucionais, superar as barreiras burocráticas e subverter os valores estabelecidos”. (CASTELLS, 2004, p. 26). Ou seja, essa compreensão coloca a internet como um processo no qual são os indivíduos que reelaboram seus usos.

Portanto, levando em conta a tese sobre a capacidade humana em reinventar os usos para a internet, é válido questionar: quem imaginaria que a internet, originalmente criada para fins de guerra, serviria para mediar a construção de laços afetivos? Quem apostaria que os homens com sua capacidade de simbolizar as *coisas do mundo* utilizariam a internet para construir formas de sociabilidade amorosa? Quem arriscaria em pensar que a internet poderia manter namoros?

Os homens que inventam, utilizam e interpretam de diferentes formas as técnicas foram responsáveis pela criação de um tipo de relacionamento amoroso que só existe a partir de sua mediação com a internet. Engendraram uma nova forma de relacionamento: os namoros virtuais. Neste estudo, tomamos para análise alguns depoimentos que tornam verdadeira essa assertiva, quer dizer, a preeminência de namoros que têm como mediação a rede de computadores. Observemos a resposta dada a um dos fóruns da comunidade *conheci meu amor pela internet*, a respeito da questão que dizia *conte como você conheceu o seu amor?*

Eu tinha acabado de fazer o Orkut. Entrei em uma comunidade de Grafite, pq adoro grafitar... “Ele” era o dono da comunidade e depois de um tpo me mandou um scrap agradecendo por eu ter entrado na comunidade dele... e me passou o msn dele p/ nos conhecermos, afinal, gostavamos da mesma coisa! Aih, eu o add no MSN... conversamos mtooo... e descobrimos q moramos a 22Km de distancia! Nossa amizade foi crescendo mto atraves da internet. Ele realmente se tornou o meu melhor amigo e depois de 8 meses ele se declara p/ mim. Mas eu achava quase impossível pq nunk tínhamos nos encontrado! Mas, deu tudo certo e até hoje estamos juntos. O amo + q tudo e espero passar o resto da minha vida ao lado do meu amor. E acredito ki foi o destino q fez a gente nos conhecer, pq ele mora mto perto de mim.

No depoimento acima, nota-se como a internet passa a ser um espaço virtual no qual o namoro é inicialmente constituído e, posteriormente, mantido. É nesse sentido que a tecnologia torna possível o relacionamento. Dessa forma, o referido depoimento leva-nos a crer que a tecnologia, nesses casos, presta-se à construção de sociabilidades amorosas. Nessa nova conjuntura, ela tornou-se um ator capaz de “contribuir também para manter os laços fortes a distância”. (CASTELLS, 2004, p. 160). Nos namoros virtuais, a técnica, ou melhor, os computadores ligados em rede têm uma função constitutiva ou construtiva da relação amorosa e dos elementos envolvidos.

Do namoro em tempos de internet

Esse *novo* formato de vínculo amoroso contemporâneo distingue-se dos precedentes por ser aquele constituído e, posteriormente, mantido a partir da mediação da rede de computadores. Essa é uma das razões pelas quais ele pode ser considerado *virtual*. Isso se levarmos em conta a concepção filosófica de virtual tal qual é entendida por Lévy (1996). Então, valendo-nos dessa filiação teórica, pode-se acreditar que um namoro estreado pela internet é virtual e, por isso, existe em “potência e não em ato”, pois o virtual, nas formulações desse autor, “encontra-se antes da concretização efetiva ou formal (a árvore está

virtualmente presente no grão)”. (LÉVY, 1996, p. 47). É importante fazer essa distinção, pois há confusões a respeito do que seja virtual e real.

No sentido corrente ou usual, por exemplo, “acredita-se que uma coisa deva ser real ou virtual, que ela não pode, portanto, possuir as duas modalidades ao mesmo tempo”. (LÉVY, 1996, p. 47). Contudo, contrário a esse entendimento, o que a concepção filosófica defende é que o virtual não se opõe ao real, mas sim ao atual, ao *aqui e agora*. O virtual é real mesmo sem obrigatoriamente está presente no *instante imediato*. Nesses namoros, por exemplo, os casais existem de fato, contudo não estão presentes no tempo e espaço que seus(as) parceiros(as).

De sorte que ao se levar a cabo essas formulações, admitir-se-á que os namoros que se iniciam na internet são virtuais e reais ao mesmo tempo: reais porque os casais existem na concretude das relações presenciais, virtuais porque a possibilidade de concretização do namoro num encontro *físico-presencial* existe em potência, em algo que ainda anuncia-se, como um *dever*. São virtuais ainda, pois os casais encontram-se em tempos e espaços diferentes.

A título de ilustração, tem-se um depoimento de um dos membros da comunidade aqui estudada. Nele é possível reconhecer o caráter virtual do relacionamento, quer dizer, trata-se de uma relação que existe em potência. Como se pode ver, o casal durante um ano existiu um para o outro sem nunca ter estado presente frente a frente. Observemos: *conheci meu amor pelo Skype e infelizmente ainda não o conheço pessoalmente porque ele é polonês! Nós estamos falando há mais de 1 ano, eu o amo e quero ficar com ele*”.

É nesse sentido que o namoro virtual é *desterritorializado*, “capaz de gerar diversas manifestações concretas em diferentes momentos e locais determinados, sem, contudo, estar ele preso a um lugar ou tempo em particular”. (LÉVY, 1999, p. 47). Isto é, mesmo sem ser possível afixá-los em nenhuma *coordenada espaço-temporal*, os namoros virtuais são reais. Eles existem sem a necessidade da *presença física imediata*, há uma espécie de *desprendimento do aqui e agora*. Os casais que têm um namoro mediado pela internet existem um para o outro mesmo estando em espaços e tempos diferentes. Como foi possível depreender do depoimento acima.

Levando a cabo essas discussões, considera-se, enfim, que os namoros mediados pela internet são, portanto, *virtualizantes e desterritorializantes*. Quando os casais virtualizam-se, por exemplo, tornam-se *não presentes*, eles desterritorializam-se, isto é, “uma espécie de desengate os separa do espaço físico ou geográficos ordinários e da temporalidade do relógio e do calendário”. (LÉVY, 1996, p. 21).

Reitera-se, apesar de virtuais e *desterritorializados* esses namoros não são imaginários, ao contrário, eles são capazes de produzir efeitos concretos, sólidos, palpáveis na vida *real-presencial* dos envolvidos. Por exemplo, o namoro por meio de redes de computadores não anula os encontros físicos, presenciais. Por outras palavras, ver-se o depoimento da internauta que deixa evidente as possibilidades de encontros físicos em seu namoro via internet: *meu amor é português, mora em Portugal, nos conhecemos pela internet a 8 meses e agora ele está chegando ao Brasil e eu vou voltar pra Portugal e viver com ele!*

Decerto é possível vivenciar nesses namoros alegrias plenas, angústias, medos, sofrimentos, etc., como sugere o depoimento que se segue:

eu estou apaixonado por uma menina. Nós nos conhecemos pela internet e tal, mas nós nos conhecemos faz um tempinho, então um confia no outro sabe? Ela mora em São Paulo - SP, e eu em Passos - MG (distância 450km +-) Então nós estávamos namorando pela internet, e ela me falava todo dia, que estava chorando, que não aguentava ficar longe, agora que vai começar as férias, quando FINALMENTE iria conhecer ela, e namorar, ela diz que quer me esquecer. Eu fiquei tremendamente apaixonado por ela... eu penso nela 24 horas por dia (sim penso nela dormindo também)...

Nesse sentido, o depoimento acima é decisivo para demonstrar o quanto esses namoros geram reações concretas. São relacionamentos tão sólidos quanto aqueles presenciais, são capazes de gerar efeitos semelhantes àqueles namoros não mediados pela internet. Mas, entende-se, por outro lado, que esses relacionamentos permitem uma forma de experiência particular: referem-se à ausência dos corpos (na maior parte da relação), à linguagem, em geral escrita, e ao *problema* do que seja *realidade e virtualidade*.

Ainda foi possível observar, valendo-nos das análises dos depoimentos postados nos fóruns e enquetes da comunidade, que os envolvidos, nesses namoros, reproduzem no mundo virtual as mesmas formas de pensar, sentir, conviver, relacionar-se, etc. que vivenciam em suas realidades cotidianas, presenciais. A pretexto de exemplo, é comum encontrar nos depoimentos desejos de que suas uniões, a princípio virtuais, revertam-se em noivados, casamentos, constituição de família, dentre outras relações.

Em enquete sobre a questão: *um amor nascido na internet tem alta probabilidade de chegar a um casamento?* Tem-se um resultado que expressa o quanto levam para as realidades virtuais as mesmas formas de conviver típicas das realidades presenciais. Vejamos: a maioria dos membros da comunidade, representada por 53%, ao responder à questão proposta, optou pelo item *sim*; passo que apenas 2% optaram pela opção *não*. 7% escolheram a opção *às vezes*, 36% optaram por *depende das pessoas envolvidas*, e 2% pelo item *outro*.

Mas, poderíamos perguntar: como é constituído um namoro pela internet? Percebeu-se, frequentemente, que a maioria dos internautas declara que não procurava relacionamentos na internet. Eles ocorreram fortuitamente. Um deles disse-nos: *foi por acaso. Entrei no bate papo e perguntei se tinha alguém próximo a minha cidade. Trocamos msn,orkut,celu... enfim tudo para nos conhecermos melhor....Depois da 1a semana começamos a namorar.*

Por meio da observação foi possível depara-se com variados formatos de namoros virtuais. Há, por exemplo, aqueles namoros em que os casais ainda não se conheceram presencialmente. Como sugere este depoimento:

ela mora na barra e eu moro no centro...mas mesmo a distancia sendo um tanto quanto pakena nois nunca nos encontramos espero q possa acontecer rapido pq eu penso nela mais da metade do meu dia e como se ela fosse minha namorada mesmo.

Também, existem aqueles namoros em que os casais já se encontraram presencialmente, e atualmente namoram virtual e presencialmente. Como exemplo desta internauta:

qdo começamos a namorar ele morava em Portugal e nos conhecemos pela net, ai nos conhecemos e desde então vivíamos naquela Brasil-Portugal, mas agora faz 2 meses que ele ganhou um curso na Suíça e teve que se mudar pra lá, ou seja ficou mais longe ainda

de mim...Mas hoje mesmo ele ta chegando aqui no Brasil, e daqui a pouquinho vou buscá-lo no aeroporto!! ainda bem pois nao aguentava mais de saudades!!hehehe.

Há ainda aqueles em que o namoro virtual transformou-se em noivado. Namoraram virtual e presencialmente. E, atualmente estão noivos. Como esta declaração: *estou noiva! Conheci meu amor na internet tem 1 ano e 4 meses, hoje sou noiva dele e muito feliz! Não deixe de acreditar, pode dar certo!* E por fim, há namoros virtuais que se converteram em casamentos, isto é, namoraram virtual e presencialmente, noivaram e atualmente estão casados, com filhos. Como corrobora este depoimento: *conheci meu amor em setembro de 2006, em novembro de 2006 nos conhecemos, casamos em fevereiro de 2007 no civil e em maio de 2007 no religioso temos um filho de 3 meses.*

Porém, é possível, por outro lado, encontrar relacionamentos que não tiveram o mesmo desfecho, acabaram com grandes decepções, como comprova esta declaração:

vivi por 4 anos com ele...O conheci pelo ICQ há 4 anos atrás qdo ele só tinha dívidas...Trabalhei com ele por 2 anos em promoção de festas - coisa q a gente nunca tinha feito antes (eu advogada e ele analista de sistemas) e que acabou dando certo. Tive que colocá-lo na parede pelo MSN porque ele não tinha coragem de me dizer que estava me traindo há 1 mês com uma cliente das esta, cara a cara.

Diante desse conjunto de reflexões, depoimentos e ponderações acerca do namoro virtual, o que verdadeiramente interessa reter é as implicações desse formato de relacionamento amoroso sobre a subjetividade. Ou melhor, como pensar nos novos modos de subjetivação que surgem de um formato de relacionamento amoroso mediado pela tecnologia? Como pensar a formação da subjetividade em relacionamentos amorosos virtualizantes e desterritorializantes?

A fabricação social da subjetividade

As transformações verificadas no mundo contemporâneo, conforme a leitura do sociólogo Peter Pál Pelbart, afetaram e afetam o plano do próprio modo de subjetivação. Tais transformações *impuseram*, assim, uma série de redesenhos e reconfigurações, “sobretudo nessa matéria-prima tão impalpável quanto incontornável a que chamamos subjetividade”. (PELBART, 2000, p. 11-14). Para esse autor, no que se refere à subjetividade, “estamos diante de um termo aberto às forças que lhe forem dando sentido”. Consequentemente, a subjetividade em suas elaborações é tratada enquanto fabricação social e histórica.

Esse autor investe num conceito de subjetividade que, ao contrário de algo abstrato, “trata-se da vida, mas precisamente das formas de vida, das maneiras de sentir, de amar, de perceber, de imaginar, de sonhar, de fazer, mas também de habitar, de vestir-se, de se embelezar, de fruir, etc.” (PELBART, 2000, p. 37).

Nessa discussão, Pelbart resgata ainda as formulações de Frederic Jameson sobre o *pós-modernismo e sociedade de consumo*, para demonstrar as consequências do desenvolvimento do capitalismo sob a formação da subjetividade. Para Jameson, a subjetividade teria sido moldada à imagem e

semelhança do capital. Por ora, não se pretende ir mais fundo nessa formulação. Ela presta-se a corroborar com o entendimento da subjetividade enquanto um fenômeno socialmente alicerçado.

Nesse mesmo sentido, podemos destacar as contribuições do sociólogo francês Danilo Martuccelli (2002). De acordo com esse autor, a subjetividade é o corolário mais ou menos direto da vida moderna. Ela é uma consequência da modernidade. Ou seja, para ele, a subjetividade é um projeto que revela texturas culturais da modernidade. Com essas considerações, Martuccelli assegura-nos que a subjetividade é o resultado de processos sociais, podendo, assim, ser abordada a partir de condutas sociais.

Na esteira dessas discussões, tome-se o conceito de subjetividade conforme a problematização do psicanalista francês Felix Guattari (2002). Esse autor em suas elaborações ultrapassou a já velha oposição clássica entre sujeito individual e sociedade, imprimiu à subjetividade um registro eminentemente social. A subjetividade, em suas formulações, seria abarcada transversalmente por instâncias individuais, coletivas e institucionais.

Desde modo, compreende-se que Guattari (2002), Martuccelli (2002) e Pelbart (2000) discutem a questão da subjetividade levando em conta seu caráter “flexível”. Esse termo é empregado pela psicanalista Suely Rolnik (2007, p. 13), referindo-se a uma subjetividade que se pode “dobrar, que se arqueia ou se distende com facilidade. Fácil de moldar, maleável”. Então, a subjetividade da forma como esses autores a entendem é uma *matéria* modulada segundo os contextos sociais.

Baseando-nos, então, nessas premissas teóricas, infere-se que este trabalho parte do pressuposto de que a subjetividade não é equivalente a interioridade do sujeito. Como confirma Martuccelli, a subjetividade tornou-se uma questão coletiva. Logo, pode ser apreendida a partir de uma perspectiva sociológica, pois trata-se de um fenômeno definido por uma relação particular com o mundo social. É uma convenção cultural que não pode ser estudada desarticulada de significados sociais. É nesse sentido que cada contexto social exige modelos diferentes de produção subjetiva. Por conseguinte, a subjetividade é, para os nossos intentos, formada a partir de um conjunto de práticas sociais. Posto isso, deduz-se então que a compreensão da subjetividade dar-se-á a partir da compreensão de práticas sociais.

É por isso que no presente trabalho é importante perceber como mudanças na sociedade influenciaram e influenciam condutas ou práticas amorosas e, conseqüentemente, remodelaram e remodelam a subjetividade. Isto é, perceber as maneiras nas quais formações culturais particulares moldam e provocam subjetividades.

Diante desse panorama, é importante reforçar novamente que as mudanças sociais e históricas por que passam as sociedades contemporâneas atingem hoje a esfera pessoal dos indivíduos, as quais desencadeiam numa *transformação da intimidade*. Muitas dessas alterações afetaram e afetam traços cotidianos de nossa existência, demarcando novos formatos de vínculos afetivos.

Nessa conjuntura de constantes alterações, são fabricadas novas experiências alternativas de conjugalidades, como os casamentos não formais, casais com moradias separadas, a consolidação do “ficar”, do “juntar-se”, o “viver desacompanhado”, os namoros e encontros virtuais. Essas experiências

de conjugalidades quando comparadas às das décadas anteriores podem ser consideradas exemplos que tornam notórias as mudanças nas relações amorosas.

Enfim, o que se quer demonstrar com as asserções acima é que as consequências de tais processos parecem incidir sobre condutas e modos de subjetivação. Ou seja, os novos contextos amorosos abriram caminhos que redefinem e redesenham a própria subjetividade. Portanto, a emergência de um formato de relacionamento mediado pela internet – os namoros virtuais – implica, decerto, novos modos de subjetivação.

Subjetividades, namoros virtuais e novos meios de expressão de si

Num artigo sobre *amor contemporâneo e relações na internet* Vieira e Cohn (2008) buscaram desvendar algumas particularidades que são típicas das relações amorosas virtuais. Essas particularidades são importantes para pensar a problemática deste trabalho. Vieira e Cohn afirmam que a internet tornou-se um espaço no qual se pode conhecer várias pessoas na mesma noite, sem, contudo, sair de casa, ao mesmo tempo em que se mantêm ou se terminam relações já estabelecidas. Entendem, portanto, que a internet não é uma substituta das relações presenciais, ao contrário, é mais uma esfera de interação com o outro.

As autoras ainda revelam existir certas *facilidades* na forma de relacionar-se com o outro quando há a mediação da internet. É possível que as pessoas ao estabelecer uma relação virtual possam, a princípio, dizer de *si*, expor-se ao outro com maior destreza. Segundo as autoras, a distância assim “como a ausência do corpo ajuda o sujeito a se expor em questões que, com o corpo presente, teria vergonha ou receio”. Ou seja, a ausência da expressão corporal pode facilitar o contato com o outro. Os internautas, nesse sentido, pelo menos é o que parece demonstrar o estudo, puderam revelar-se ao outro sem temer demonstrar “nervosismo no suar das mãos, no desviar do olhar, no tom da voz. Em outros momentos não somos interrompidos por expressões como o choro, por mais que a outra pessoa esteja chorando”. (VIEIRA; COHN, 2008, p. 74-97).

Na mesma perspectiva, tem-se um estudo realizado por Nascimento (2007) que versa sobre o *amor em tempos de internet*. Na pesquisa, a autora procurou perceber as imbricações que podem existir entre as tecnologias virtuais e os relacionamentos amorosos. Preocupou-se ainda em destacar algumas características que compõem o mundo virtual. Referem-se, diz Nascimento (2007, p. 63), “ao anonimato, à velocidade da informação e comunicação, à desterritorialização (ausência de fronteiras geográficas) bem como à percepção da diferença entre realidade e irreabilidade”.

Do mesmo modo que Vieira e Cohn, Nascimento (2007) também entende que a mediação com a internet pode funcionar como um *facilitador* da narração do *si* para o outro. Na concepção de Nascimento, uma relação sem corpo, ou sem rosto, possibilita aos agentes uma maior expressão do *si*. Muitos que fazem uso da internet para relacionar-se ficam mais à vontade para narrar o que sentem e o que pensam.

MNEME – REVISTA DE HUMANIDADES, 11 (27), 2010

Publicação do Departamento de História da Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Centro de Ensino Superior do Seridó – Campus de Caicó. Semestral ISSN -1518-3394

Disponível em <http://www.periodicos.ufrn.br/ojs/index.php/mneme>

Em outro estudo, realizado dessa vez por Dela Coleta e Guimarães (2000), sobre comportamentos relacionados à afetividade e relacionamento virtual, as autoras pretendiam responder à questão: o amor pode ser virtual? Nessa pesquisa, destacam, tal qual Vieira e Cohn (2008) e Nascimento (2007), que as tecnologias virtuais permitem uma maior possibilidade de revelação do *si*. Ou seja, na pesquisa os entrevistados relataram que tinham mais facilidade em expressar-se quando estavam na internet do que quando interagiam presencialmente com outra pessoa.

Por meio dessas proposições, pode-se inferir que, ao menos em parte, parece existir certa relação entre *facilidades de expressão do si* e espaços virtuais. Então, se considerarmos essa asserção correta, poderíamos, por outro lado, supor que os indivíduos que têm um namoro mediado por um computador encontram, nesses relacionamentos, um *lugar* para expressar ou narrar o *si*? Essa forma de expressão, mediada pela internet, daria forma à subjetividade?

É essencial destacar que esse *eu* de que trata este trabalho é aquele envolto pelo social, formado a partir de um lastro socialmente localizado. Ele, parece-nos, poderá revelar muito sobre os nossos dias, sobre nossa contemporaneidade, sobre nossas formas de subjetivação. Ou seja, o *eu*, ou sua verdade, se reveste de grande significado social. Tem-se ciência que aquilo a que estamos chamando de *verdade de si* é aquilo que os indivíduos afirmam, no plano discursivo, ser a verdade. Não temos a *ilusão* de afirmar que os indivíduos tenham a *completa verdade sobre si mesmo*.

A internet, nesse sentido, poderia ser um canal que muitos contemporâneos têm para dizer o *si* para o outro hoje, contudo, não é o único, evidentemente. E para os propósitos deste trabalho, é importante apreender para os fins de análise o *revelar-se* nos fóruns e enquetes da comunidade *conheci meu amor pela internet*. É importante apreender o revelar-se de pessoas que mantêm um namoro mediado pela internet. O que eu revelo de mim para o outro nesses espaços virtuais? O que casais que namoram virtualmente teriam a narrar nesses espaços virtuais? Contudo, entende-se aqui que não se pode confundir a *revelação do si* com subjetividade. Mas, é importante atermo-nos aos depoimentos que sugerem formas de *revelação de um si social*, que têm muito a dizer sob as formas de subjetividades contemporâneas.

Seguindo esse enfoque, têm-se as contribuições de Martuccelli (2002). Em sua discussão sobre a *gramática do indivíduo*, o autor estabelece relações entre subjetividade e experiências amorosas. Para ele, é na experiência amorosa que a subjetividade encontra com frequência sua expressão senão máxima, ou, pelo menos, suas principais manifestações. A experiência amorosa é, portanto, uma expressão chave de nossa subjetividade.

Ainda seguindo de perto as discussões de Martuccelli (2002), a experiência amorosa será para esse autor um fenômeno social, dentre outros, que possibilita uma *emergência do si*, *uma narrativa do si*. Segundo ele, há, através das experiências amorosas, possibilidades de *explosões inéditas do eu*. É onde o *si* é revelado para o outro.

Esse autor defende, portanto, que a subjetividade se acha, ao menos em parte, no *amor*. Ela encontra, por fim, seu lugar de expressão, não o único, mas um lugar propício. Nesse sentido, assevera-nos, “com efeito, é no amor que vivenciamos e expressamos o que somos verdadeiramente e nos revelamos nós

mesmos graças ao outro”. (Martuccelli, 2002, p. 409, tradução nossa). É por isso que o amor é considerado tão importante, ele tornou-se um lugar de revelação do *si*. Da forma como Martuccelli entende, esse *si* revelado para o outro daria forma à subjetividade.

Partindo da proposição de Martuccelli, que versa sobre as relações de proximidade entre experiência amorosa e subjetividade, e dos estudos de Nascimento, Vieira e Cohn, Guimarães e Dela Coleta que sugerem que relações mediadas pela internet possibilitam narrativas do *si*, poderíamos perguntar: é possível afirmar que os namoros virtuais passam, hoje, a ser espaços que favorecem certas narrativas de *si*? Essas narrativas desvelariam modos de subjetividade?

Contudo, na perspectiva deste trabalho, como apreender as formas de subjetividade nas relações amorosas virtuais? Seguindo esse enfoque, admite-se que a análise sociológica da subjetividade, tal como é entendida por Martuccelli (2002), concentra-se menos sobre as relações entre *vida interior* e as transformações sociais do que sobre as manifestações sociais, sobre condutas sociais, seus paradoxos, ambivalências, contradições. Partindo daí, se se pretende nessa proposta perceber como as renovações nos vínculos amorosos – a exemplo das relações amorosas virtuais – contribuíram/contribuem para o redesenho da subjetividade, deveremos nos debruçar, conseqüentemente, sobre a análise das condutas amorosas virtuais.

Por outro lado, está-se convicto da importância de nos deter *nas experiências* vividas por aqueles que têm um namoro virtual. É importante apreender seus sentidos e percepções. Corroborando com esse intento, têm-se as contribuições do sociólogo britânico Anthony Giddens (2005). De acordo com o autor, “diferentemente dos objetos da natureza, os humanos são seres autoconsciente, que conferem sentido e propósito ao que fazem. Não podemos sequer descrever a vida social com precisão a menos que primeiro compreendamos os conceitos que as pessoas aplicam ao seu comportamento”. (GIDDENS, 2005, p. 510). Por isso, neste trabalho, foi fundamental eleger as percepções (como objeto a conhecer) que detêm os internautas a respeito do namoro virtual.

Por fim, consideramos os internautas, conforme o termo cunhado por Giddens (2003, p. 331), “agentes cognoscitivos”, isto é “atores sociais que possuem um considerável conhecimento das condições e conseqüências do que fazem em suas vidas cotidianas”. Seguindo essa abordagem, inferimos que todos os internautas, membros da comunidade do Orkut – *conheci meu amor pela internet* –, conhecem as condições e conseqüências do que fazem em seus namoros virtuais. Portanto, somente eles são “ordinariamente capazes de descrever em termos discursivos” o que é um namoro virtual e as razões por que namoram virtualmente. No entanto, sabe-se que a capacidade de conhecimento desses agentes é sempre limitada (e delimitada). Antes de qualquer coisa, é delimitada institucionalmente. Mas, à vista disso, é importante conhecer suas percepções como condição para entender o fenômeno aqui estudado.

Enquetes e fóruns do orkut: espaços virtuais de produção subjetiva

O Orkut é uma grande rede social interativa *virtual*. É um sistema de comunicação mediada pela internet. Apoiar-se na interconexão de membros que se afiliam com fins diversos. No entanto, um deles nos parece decisivo, pois presta-se à formação de vínculos sociais. Tornou-se, portanto, um meio de interação social e de pertença simbólica. Nesse caso, contradizendo a tese de que a utilização da internet conduz a uma menor interação e a um maior isolamento social.

O surgimento de redes sociais virtuais baseadas na comunicação *online* foi considerado por alguns estudos como o culminar de um processo histórico de dissolução dos padrões de sociabilidade. Os críticos da internet estavam convictos de que todo esse processo conduziria a uma espécie de isolamento social. Todavia, essas proposições revelaram-se infecundas. Não há indícios de que o uso da internet pode agir como substituto de outras atividades sociais. Longe disso, o aparecimento da internet possibilitou o surgimento de novos padrões de interação social, a exemplo daqueles estabelecidos no Orkut.

Essa rede de interações simbólicas é formada por um conjunto de usuários que acabam por imprimir ao Orkut um registro social. Em outras palavras, trata-se de uma grande *comunidade* virtual – sem lugar e sem tempo –, formada por relações recíprocas de copresença entre atores que, de forma *não intencional*, terminam por produzir e reproduzir, naqueles espaços, uma série de práticas sociais. É constituída, conseqüentemente, por regras e valores culturais. Quer dizer, seus membros estabelecem entre si relações interpessoais e, com isso, consagram vida a esse espaço virtual, ao passo que fundam pactos sociais de convivência.

Todos os membros cadastrados no Orkut possuem um perfil. Nele, há uma série de informações cuja finalidade é definir a si próprio. Através da pergunta *quem sou eu*, descrevem-se, como, por exemplo, a internauta que se diz: *alguém q cada hora quer uma coisa diferente, e que não aguenta ficar na mesmice! E deve ser por isso que minha vida tá piadista do jeito q está! Eu sou a Ju, sou estranha e meio doída, mas juro que sou legal!!!!*

Anexam fotos ou imagens que os representem. Descrevem nos tópicos do perfil seus gostos, livros preferidos, músicas. Revelam atividades profissionais, grau de instrução, informações físicas, idade, data de aniversário, o time de futebol por que torce e por que usam o Orkut, como por exemplo: busca de amizade, namoro, profissão, etc.

Por outro lado, é importante destacar que nem todos os membros descrevem-se, ou melhor, respondem à questão *quem sou eu*. Mas, aos que se ocupam desse tópico, parecem-nos que exercitam certa *invenção de si*. Entende-se invenção não como *mentira* simplesmente, mas como um processo de *criação de si* através do uso da escrita, poemas, canções, imagens, ou mesmo, de comunidades virtuais das quais são filiados. O que se deveria ainda levar em conta é que esses perfis são sempre *móveis*. Eles são modificados com frequência segundo interesses, sentimentos, estados de humor, etc.

As comunidades virtuais fazem parte do Orkut. Propagam a *copresença* e a interação de todos os seus membros de quaisquer pontos do espaço físico, social ao informacional. É por isso que as relações que se estabelecem nelas tendem à *virtualização* e à *desterritorialização*. Apesar dessa condição, é importante advertir, reiteradamente, que elas não são *irreais, fantasiosas ou ilusórias*, trata-se de “um coletivo mais ou menos permanente que se organiza por meio

do novo correio eletrônico mundial”. (LÉVY, 1999, p. 130). Elas são construídas sobre afinidades de interesses. Isto é, “os amantes da cozinha mexicana, os loucos pelo gato angorá, os intérpretes apaixonados por Heidegger, antes dispersos pelo planeta, dispõem agora de um lugar familiar de encontro e troca”. (LÉVY, 1999, p. 130).

A comunidade é um espaço de cooperação no qual os membros conjugam-se conforme analogias de gostos, sentimentos, etc. Ou seja, é formada por pessoas que se vinculam em comunidades do tipo: *Não saio de casa sem maquiagem, Só pensei depois que fiz!, Já fingi que tava dormindo, Yes, eu tenho amigos loucos, Odeio falsidade!, Eu amo muito a minha mãe, Filosofia científica*. Entre tantas, tem-se *conheci meu amor pela internet*, nosso campo de pesquisa

Essa última trata-se de uma comunidade virtual inserida na categoria *romance e relacionamento*. Ela foi criada por Sandra Martins em 25 de dezembro de 2004. Pertencem a ela 11.119 membros cadastrados, porém, esse número nunca é fixo, pois a todo o tempo há membros que se desligam e outros que se cadastram. É descrita como uma comunidade

destinada a você que teve, tem ou pretende ter uma relação iniciada através da internet. Assim como eu não tive o primeiro contato virtual, mas que todo o processo de conhecimento entre nós, deu-se por meio de um computador! Estou aqui em meu nome e da pessoa que amo para mostrar que ao contrário do que muitos falam, isso é possível sim e nos amamos muito!

Como um espaço social instituído por relações humanas contraditórias e ambivalentes, a vida de uma comunidade virtual dificilmente decorre sem conflitos. Alguns deles podem expressar-se nas contentas entre os membros que discutem sobre aquele ou aquela que tenha infringido as regras *morais* do grupo. É nesse sentido que as comunidades são constituídas também por um conjunto de *leis* consuetudinárias que regulam os comportamentos.

Assim, como em todas as relações sociais, há nessas comunidades condutas consideradas adequadas ou inadequadas pelo grupo, há sanções a que todos estão sujeitos ao *rebelar-se* às regras feitas pelos membros que formam as comunidades. Por exemplo, as comunidades virtuais, em geral, são destinadas a algum *segmento social*, a exemplo desta *conheci meu amor pela internet* – que se estuda neste trabalho. Ou melhor, é uma regra *dada*, só serão bem-vindos aqueles que conheceram seus(as) parceiros(as) na internet ou que têm esse desejo – ou, outra regra importante, só poderão participar das discussões da comunidade aqueles que estiverem cadastrados como membro.

Por outro lado, para além dos conflitos sempre possíveis, há também possibilidades de afinidades, amizades, e até namoros podem desenvolver-se nos grupos de discussão, exatamente como ocorre entre pessoas que se encontram regularmente para conversar. É evidente que as manipulações e enganações sempre são possíveis nas comunidades virtuais, assim como são em qualquer outro lugar.

Nelas, há os fóruns e as enquetes que são espaços que se prestam a um fim interativo. No primeiro, encontram-se a maior parte do conteúdo. Os membros discutem o assunto proposto em cada tópico e criam outros através de questões que eles mesmos formulam, tais como: *você largaria tudo para ficar com o seu amor? Quando tempo teclaram para fazer amor pela primeira vez na net? Faz*

quanto tempo que estão juntos? A partir daí os membros respondem aos tópicos segundo suas próprias percepções. Partindo dessa constatação, pode-se crer que tanto as questões quanto as respostas formuladas sugerem modos de expressão de si.

A segunda, as enquetes, atentem a mesma função, contudo, é possível obter opiniões dos membros de forma quantitativa, a exemplo da questão elaborada por um deles: *você imaginava que encontraria seu grande amor pela internet?* A partir daí dá-se algumas opções. Observemos os resultados: sim (13%), não (44%) e nunca imaginei (43%).

Como se pode depreender, nos fóruns e enquetes, os próprios internautas fazem questões sobre sua própria condição, isto é, elaboram questionamentos a respeito da condição de se estar namorando virtualmente para outros internautas. É nesse sentido que algo se afigura interessante. Nesses fóruns e enquetes, quem faz as questões são aqueles que igualmente vivenciam as mesmas situações daqueles aos quais as questões são endereçadas. Quer dizer, as questões formuladas lhes dizem respeito. Diante disso, é-se levado a crer que tanto aqueles que formulam as questões quanto aqueles que as respondem compartilham das mesmas práticas e representações, e é por isso que estão unidos por certa familiaridade.

É possível encontrar nesses espaços questões relativas a dúvidas e angústias a respeito de seus namoros, pedidos de ajuda a membros que já são *experientes* no quesito *namoro a distância*, fazem desabafos frente a sofrimentos e alegrias, medos, incertezas, pedem ajuda para reconquistar um amor, avisam sobre casamentos e encorajam outros internautas com falas de incentivo do tipo: *um amor que nasce na internet pode sim virar casamento*.

Usam ainda esses espaços para falar sobre nascimento de filhos (de pais que se conheceram na internet, evidentemente), relatam suas queixas e desilusões a respeito de seus parceiros, fazem advertências àqueles ainda inexperientes no namoro via internet, relatam desapontamentos diante do primeiro encontro presencial, oferecem conselhos para suportar bem a saudade, a ausência, descrevem fins de namoro, fazem convite para participar de comunidades que se relacionam com o tema namoro virtual, propõem pequenas brincadeiras com o fim de distração, fazem declarações de amor, etc.

O que parece é que as comunidades virtuais, ou melhor, os fóruns e enquetes exploram hoje novas formas de *opinião pública*, novas formas de expressão. Tornaram-se um espaço em que grupos ligados por afinidades têm para *desenhar* trechos de *narrativas de si*. Ou melhor, são espaços em que se pode falar e compartilhar sentimentos, angústias, dores, alegrias, etc. Na verdade, elas parecem inaugurar um novo espaço de expressão e produção de subjetividades.

Vejamos agora alguns depoimentos que podem servir como um instrumento útil para apreender modos de subjetividades que se encontram registrados nos fóruns e enquetes da comunidade. É possível ver neles formas de vida, maneira de sentir, amar, desejar, sonhar, perceber, etc.

1. Quem conheceu seu amor pela net e se casou? (Ana Paula)

5 anos Juntinhos !!! Conheci ele na net bate bapo bol carnaval de 2005, muito bom rs.Estamos juntos casados a 4 anos e com uma linda filhota de 2 anos (July Francine).

2. Quanto tempo vocês teclaram pela net? (Andréia)

Faz dois anos e ainda não tivemos oportunidade de nos conhecermos. Falamos por telefone, e-mails...??..Mas...parece uma coisa, toda vez que programamos acontece alguma coisa.. Então deixo acontecer..Não to + encucada! Acho que as coisas tem o momento certo..Ele mora um pouco longe!..Só sei que ele me faz feliz! (Sandra).

3. Você largaria tudo pelo seu amor? Você largaria o seu país, seu trabalho, estudos e família em nome do amor? (Laura)

Larguei! Se eu largaria? Claro! Aliás, mudei de cidade, de estado... deixei meus pais, meu emprego, minha vida em troca do meu amor, da minha realização afetiva... e hoje estou muito feliz, não me arrependo de nada, muito pelo contrário, sou a mulher mais feliz desse mundo porque encontrei meu grande amor... (Jô)

4. Vocês transariam no 1º encontro? se vocês conversassem há um bom tempo, e começassem a namorar no dia em q se conhecessem, vc transaria nesse mesmo dia? (Thiago)

Tenho lá minhas opiniões pessoais sobre sexo: acho que pressupõe intimidade com o outro, e na boa, mesmo que vc fale com ele há ANOS pelo telefone, tem tudo menos intimidade. Pode ter simpatia, afinidade, mas não INTIMIDADE física com a pessoa pra tocar, beijar onde quiser, enfim...Mas vai de cada um. Tem quem faça e ache legal, ache muito bom. Mas se o cara for legal (ou a menina) e quiser de fato mais do que isso com você, ele vai entender se não rolar nada, até porque pelo que eu entendi ele mesmo já disse que não acha legal. Mas sei lá, vai de cada um. Você tem que pensar o que seria legal pra VOCÊ e não levar em conta a opinião alheia. (Lilian)

5. O que substitui o corpo na atração virtual? Vc se apaixonou antes de ver ou encontrar alguém que conheceu pela NET? O que percebe que te atraiu nessa pessoa? (Carla)

Sinceramente não sei ao certo o que me atraiu, quando dei por mim já estava apaixonada.Pode até soar meio estranho pelo fato de nós conhecermos somente virtualmente, mais a sinceridade dele me cativa, seu jeito de dizer o quanto se sente bem quando está comigo, um simples e-mail no meio do dia apenas pra dizer que ama e o quanto sou importante na vida dele, o fato de dizer sempre que serei sua esposa em breve... Essa forma de amor e carinho sem dimensão é o que vem sustentando esse amor tão imenso. (Jéssica)

6. Quem mudou ou vai mudar? Se vcs estão casados ou juntos, ou pretendem, quem irá ceder e mudar de seu bairro, cidade, estado ou país? (Leila)

Primeiro, ele foi p/ RS onde moramos por 2 anos. Agora faz 4 meses q vim p/ SP onde ele morava quando nos conhecemos. (Giseli)

7. Vocês acreditam em tudo o que eles(as) dizem?? (Dica)

Sinceramente acredito em tudo o que ela me diz, em tudo o que ela me escreve. Ela é uma pessoa muito especial e não creio que um envolvimento de quase um ano é capaz de ser na base da falsidade ou mentira. Ela me considera muito especial e eu a considero especial demais. A gente está enfrentando lutas, desafios, problemas, cada um em seu lado. Mas tenho certeza de que, quando nos encontrarmos, serei a pessoa mais feliz desse mundo. Eu a amo e creio nela. (sniff)

8. Como terminar um namoro à distância??? Vou até lá?

Não sei como terminar com meu namorado...parece tudo muito diferente, e não parece bom o suficiente para superar a distância que nos separa...Mas, acho que ele vai ficar muito mal... Não quero fazer isso com ele tão longe...n quero me sentir culpada...o que eu faço???????? Vou até lá para terminar???? (Anônimo)

9. Desabafo – chamado: Preconceito de família. (Dédah do Rique Nakamatu)

Infelizmente, nem todos são mente-aberta e apoiam esse tipo de relacionamento. Eu não ligo muito, pois meus pais dão muito apoio e consigo que meu amor venha até minha

casa, nos mandamos correspondência e ficamos o máximo de tempo juntos possível. Além de eu ter mais duas primas que casaram com homens que conheceram na internet. Mas o preconceito não acaba, ainda há gente na minha família que insiste em fazer comentários desagradáveis. Como se o fato de ele ter me conhecido pela internet fosse fazer dele uma pessoa ruim. E não é só preocupação, pois mesmo ele já tendo vindo aqui e meus pais terem falado com os pais dele, as pessoas continuam se metendo onde não devem :x É impressionante como não podem tentar entender ou só acompanhar. Serem felizes por eu estar feliz. Já ouvi perguntarem se eu não acho que ele me trai... puts, como pode ter a falta de educação de fazer esse tipo de pergunta? :x Além de muitos criticarem só por criticar, não acreditarem que possa gostar de alguém que eu não tenha tocado. Triste muito triste. Dédah do Rique Nakamatu

É possível identificar alguns elementos presentes nos depoimentos acima, de sorte que lança alguma luz a questão do trabalho, ou seja, faz-nos entender, brevemente, as peculiaridades de processos de subjetivação nas interações amorosas configuradas *online* e suas experiências românticas singulares a partir do advento das novas interfaces digitais que mobilizam recursos interativos e integrativos oriundos das novas *tecnologias da informática*.

No primeiro depoimento é possível identificar desejos por parte dos envolvidos que suas relações a princípios virtuais tornem-se uniões duradouras e fixas, como o casamento e constituição de família. No segundo, de outro modo, o que está em jogo são mudanças nas formas dos indivíduos experimentarem o “tempo” e o “espaço”. Como se vê no depoimento o casal tem um tempo de relação considerável: “dois anos de relacionamento, mas não se conhecem presencialmente”, pois, “ele mora muito longe”. Apesar disso, parecemos que a relação é mantida pela importância imputada pela depoente em “ter alguém”. Isso aparece na fala quando ela sugere não ter importância o provável “problema” da distância, pois “ele a faz feliz”.

Já na terceira fala, o que se desvela são mudanças nas noções de pertença. Quer dizer, as noções de pertencimento a uma cidade, país, família, trabalho passam agora a ser flexíveis. Na quarta fala é interessante notar como a noção de duração da relação muda também. Ela é contabilizada a partir do tempo em que se conhecem virtualmente, por isso, seria absolutamente razoável para os envolvidos “transarem” ao se conhecerem presencialmente. Aí, parecemos, também, que a noção de intimidade nas relações sexuais sofrerá resignificações. Na quinta fala o que é notório são mudanças nas relações entre atração física e ausência do corpo; aí, *eu posso me atrair e me apaixonar por alguém da qual nunca toquei*.

Parece-nos que temos nessa última fala (a cinco) uma questão importante. Pois ela demonstra mudanças na *seqüência dos sentidos*. Mudanças nas formas de sentir o corpo do outro presencialmente. Hoje você pode conhecer tudo sobre uma pessoa (gostos, desejos, o que faz, etc) antes de vê-la frente a frente. Os relacionamentos exclusivamente presenciais a seqüência é o contrário, você primeiro a conhece *vis-à-vis* e, em seguida passa a conhecê-la em outros atributos: “personalidade”, modo ser, modo de vestir, etc.

Nos últimos depoimentos (6, 7, 8, 9) o que se vê, respectivamente, é uma idéia de *não fixação ao espaço original de nascimento*; a noção de (des)confiança é colocada em cheque, assim como o noção de comprometimento na relação amorosa: ou como a depoente sugere, “como acabar um namoro pela internet?”. O último depoimento traz um desabafo sobre sofrimentos referentes

a preconceitos a respeito desse formato de relacionamento. Por fim, é importante destacar que esta breve análise de caráter *pouco requintada* restringe-se exclusivamente ao depoimento aqui elencados. É necessária uma imersão no campo empírico de forma mais sistematizada de sorte a ter alguma *segurança* em apontar *algumas verdades provisórias* sobre o objeto de pesquisa aqui estudado.

Diante de tudo parece-nos uma *evidência* que os depoimentos postados nos fóruns e enquetes apontem para aquilo que se chama aqui modos peculiares de subjetivação nas formas de experimentar amor romântico. Na verdade, os membros da comunidade valem-se da escrita para *inventar* formas de experiências românticas. Na medida em que os relatos são produzidos há revelações de si – para o outro e para si próprio. Mas, o que é importante reter é que essas falas de relatos pessoais estão a revelar, na verdade, questões sociais mais amplas.

Algumas considerações finais

Parece-nos que os depoimentos postados nos fóruns e enquetes apontam para aquilo que se chama aqui modos peculiares de experimentar o amor romântico. Na verdade, os membros da comunidade valem-se da escrita para *inventar* formas de experiências amorosas. São relatos pessoais que, de certo modo, revelam o *si*. Mas, o que é importante reter é que essas falas de relatos pessoais estão a revelar, na verdade, questões sociais mais amplas. É possível identificar nesses depoimentos experiências concretas de vivências amorosas específicas. Trata-se de experiências de vida amorosas atuais. Esses depoimentos, certamente, revelam relatos de práticas e ações sociais. São descrições concretas de cursos de ações concretas.

Quando se expressam nesses espaços, na realidade, revelam experiências e vivências de suas vidas amorosas. É possível, por intermédio dessas *revelações*, encontrar registros diversos sobre as percepções, representações e valores que constituem as experiências cotidianas vivenciadas por esses atores sociais a respeito do amor romântico.

É-se partidário, por fim, do argumento que entende que os depoimentos postados em fóruns e enquetes da comunidade *Conheci meu amor pela internet* colocam em jogo diversas modalidades perceptivas e, por isso, podem contribuir na descrição, na compreensão e na análise das produções subjetivas daqueles que têm um namoro mediado pela internet. Eles podem revelar modos de vida, subjetividades e alguns aspectos da vida amorosa contemporânea.

Referências

- ARENDDT, Hannah. **A condição humana**. Rio de Janeiro: Forense universitária, 1995.
- BAUMAN, Zygmunt. **Amor líquido**: sobre a fragilidade dos laços humanos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.
- CASTELLS, Manuel. **A galáxia da internet**: reflexões sobre internet, negócios e sociedade. Fundação Calouste Gulbenkian: Lisboa, 2004.

- CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede - A era da informação:** economia, sociedade e cultura; v.1. São Paulo: Paz e Terra, 1999.
- COSTA, Jurandir Freire. **Sem fraude nem favor:** um estudo sobre o ideal de amor romântico. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.
- GIDDENS, Anthony. **A transformação da intimidade:** sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas. São Paulo: UNESP, 1993.
- GIDDENS, Anthony. **A constituição da sociedade.** São Paulo: Martins fontes, 2003.
- GIDDENS, Anthony. Métodos de pesquisa sociológica. In: **Sociologia.** Porto Alegre: Artmed, 2005.
- GUATTARI, Felix. **Caosmose:** um novo paradigma estético. Rio de Janeiro: Editora 34, 2002.
- LÉVY, Pierre. **As tecnologias da inteligência.** Rio de Janeiro: Editora 34, 1993.
- LÉVY, Pierre. **Cibercultura.** São Paulo: Editora 34, 1999.
- LÉVY, Pierre. **O que é virtual?** São Paulo: Editora 34, 1996.
- MARTUCELLI, Danilo. **Grammaries du l'individu.** Folio essais. Éditions Gallimard, 2002.
- NASCIMENTO, Carlize Regina Ogg. **Do amor em tempos de internet:** análise sociológica das relações amorosas mediadas pela tecnologia. Curitiba, 2007. 146 f. (Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal do Paraná).
- PELBART, Peter Pál. **A vertigem por um fio:** políticas de subjetividade contemporânea. São Paulo: Iluminuras: 2000.
- DELA COLETA, A. S. M; DELA COLETA, M. F.; GUIMARÃES, J.L. **O amor pode ser virtual?** o relacionamento amoroso pela internet. *Psicologia em Estudo*, Maringá, v. 13, n. 2, p. 277-285, abr./jun. 2008. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/pe/v13n2/a10v13n2.pdf>>. Acesso em: 09.03.2009
- VIEIRA, C. I. F; COHN, C. **Amor contemporâneo e relações na internet:** ausência do corpo nas relações. *Revista Brasileira Sociologia das Emoções*, Paraíba, v. 7, n. 19, p. 72-117, abr. 2008. Disponível em: <<http://www.cchla.ufpb.br/rbse/VieiraArt.pdf>>. Acesso em: 10.03.2009
- ROLNIK, Suely. **Cartografia sentimental:** transformações contemporâneas do desejo. Porto Alegre: Sulina, 2007.